

“A INCERTEZA É CHAVE DE QUALQUER ACTO CRIATIVO” ENTREVISTA COM DANIEL BLAUFUKS

DUARTE BELO*
dvartebelo@gmail.com

Sobre Daniel Blaufuks

Daniel Blaufuks nasceu em Lisboa, em 1963. Viveu na Alemanha entre 1976 e 1983, ano em que regressa a Portugal. Desde muito cedo que sentiu o apelo da escrita mas seria a Fotografia a área da sua formação. Inicia a carreira como trabalhador independente na revista *Blitz*, prosseguindo mais tarde a sua atividade no jornal *Independente*, numa altura em que este se afirmava como um dos mais marcantes suportes da comunicação social do país. Desde muito cedo que trabalhou em projetos criativos autónomos tanto na área da fotografia como do vídeo e cinema. A escrita, a acompanhar as imagens que produz, vai assumindo uma marca cada vez mais sólida na sua produção. É hoje um nome incontornável e um dos mais internacionais fotógrafos da arte contemporânea portuguesa.

Entrevista com Daniel Blaufuks

Duarte Belo: Que relação, de proximidade ou afastamento, vê entre a fotografia e a palavra escrita, o discurso verbal, eventualmente, a literatura?

Daniel Blaufuks: A fotografia é também uma escrita, como o seu nome indica. A relação é assim directa, umas vezes mais obviamente do que outras. Algumas fotografias são extremamente codificadas, contêm mistérios, ou um alfabeto muito próprio, daí que necessitem de uma atenção muito mais cuidada do que outras. Por vezes somos analfabetos perante uma imagem. Mas não acredito, de todo, de que uma fotografia possa substituir mil palavras, antes o contrário. Em relação ao meu próprio trabalho, a escrita e a literatura estão sempre lá, umas vezes visíveis e outras mais nos bastidores. Sebald, Perec, Bowles, Pavese, Greene, são alguns dos autores que citei textualmente e que tenho trabalhado dentro das minhas imagens. De certa forma, estes e outros nunca realmente me abandonam. Mas também uso a minha própria escrita, seja em livros seja em filmes, quando sinto que as fotografias não preenchem toda a informação que quero transmitir. A grande vantagem da fotografia é também, por vezes, a sua maior desvantagem, isto é, o silêncio. Mas como ser silencioso num mundo que grita constantemente? Há fotógrafos que respondem com trabalhos fotográficos que também, apesar de mudos, nos parecem

* Fotógrafo, trabalhador independente. ORCID: 0000-0002-4987-9488

gritar qualquer coisa, como se a imagem nos interpelasse agressivamente. Eu continuo a preferir o silêncio, ajudado pelas palavras de quando em quando. Essa é a poesia, a minha poesia.



Fig. 1 Daniel Blaufuks, LONDON DIARIES, Centro Cultural de Belém, Lisboa (1994)

DBelo: O que pode ser, como se pode afirmar, um trabalho criativo numa contemporaneidade em que há uma cada vez maior massificação da imagem fotográfica?

DBlaufuks: A massificação da imagem fotográfica corresponde mais a amplas diferenças na sua receptividade, na forma como é vista e entendida, do que propriamente na sua criação. Olhamos para a maioria das fotografias com menos cuidado e ainda com mais rapidez, mas o trabalho do fotógrafo como artista visual continua a ser igualmente complexo e extremamente pessoal, sendo que a grande maioria das pessoas usa a fotografia apenas como um bloco de apontamentos, lá está, como uma escrita de anotações, e, através das redes sociais, como uma partilha, não de fotografias, mas essencialmente de experiências da mais diversa natureza, tal como turísticas, gastronómicas, de bem-estar, etc., sendo a imagem fotográfica apenas um meio de as reproduzir e não o fim em si. Para quem utiliza a fotografia como um objectivo final, em que o resultado transmite mais do que uma simples vivência ou uma reprodução do

mundo, o trabalho não se alterou na sua essência, nem com a passagem do analógico para o digital, nem com a urgência da sua difusão imediata. O que se ganhou em tempo, no entanto, perdeu-se em processamento cerebral, porque o processo de seleção era, em grande parte, feito, no intermédio entre a captação, a revelação, a impressão e a eventual distribuição da tomada de vista. A isto talvez se deve a vasta proliferação de trabalhos fotográficos criativos, mas não artísticos e que pouco ou nada acrescentam ao que já foi feito na época analógica. A fotografia como unidade singular deixou também de ser interessante, num mundo tecnológico em que qualquer um tira uma “boa” fotografia, sendo mais importante criar um corpo de trabalho que possa acolher essa fotografia num contexto mais alargado. De qualquer forma, nunca ninguém olhou para uma fotografia de arte contemporânea da mesma forma (em tempos demorada) que se olha (ou olhava) para uma pintura. Esse desejo do artista fotógrafo não se cumpriu nem se irá jamais cumprir.



Fig. 1 Daniel Blaufuks, *TODA A MEMÓRIA DO MUNDO, PARTE UM / ALL THE MEMORY OF THE WORLD, PART ONE*, Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa (2014)

DBelo: Como sobrevive um criador, um trabalhador da expressão visual, num tempo em que a arte, fora dos circuitos internacionais de grande valor acrescentado, parece adquirir uma dimensão cada vez mais irrelevante?

DBlaufuks: Hum, essa é uma pergunta prática, embora não concorde que a arte tenha uma dimensão cada vez mais irrelevante. Mas isso é matéria para outra discussão que não esta, daí que responda concretamente: dando aulas, vendendo uma ou outra obra, dando palestras e exigindo que estas sejam pagas, fazendo livros que se vendem, dando workshops remunerados, não aceitando convites que não envolvem nem prazer nem remuneração, idealmente aceitando os que juntam os dois, e fazendo alguns compromissos, se necessário, prescindindo de alguns luxos e de uma vida mais normalizada. Se vale a pena? Não. Se vale a pena não valendo a pena? Sim.

DBelo: Com um trabalho extenso e consolidado como o seu, o que é, o que significa no contexto da sua produção artística, um arquivo fotográfico pessoal?

DBlaufuks: É uma enorme mais-valia, como se pode confirmar com o livro *Lisboa Clichê*, que acabo de lançar com algumas das minhas fotografias do fim dos anos oitenta, início dos anos noventa. Através do arquivo, posso responder a certos desafios com fotografias já existentes, embora me interesse sempre trabalhar no contexto do presente, não só renovando o arquivo, como tentando criar algo que neste, e na minha obra, ainda não exista.. A fotografia é, antes de ser outra coisa, um documento do presente, mesmo quando não é essa a sua intenção. Ela projecta-se sempre para um futuro incerto, onde, caso seja vista, será-o de uma forma completamente diferente do que no seu próprio tempo. Esta é uma condição da fotografia em si, é uma cápsula de tempo, carregando, em camadas sobrepostas, a vida presente e a morte futura. Não há como fugir a isso, e um arquivo fotográfico é precisamente a valorização dessa condição, porque mais do que redescobrir imagens, o arquivo descobre imagens antes desvalorizadas.



Fig. 2 Daniel Blaufuks, *TODA A MEMÓRIA DO MUNDO, PARTE UM / ALL THE MEMORY OF THE WORLD, PART ONE*, Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa (2014)

DBelo: Há uma fotografia, uma palavra derradeira? Que limite para a expressão gráfica do pensamento?

DBlaufuks: Não há nunca uma palavra derradeira, como não haverá uma última fotografia, enquanto houver mundo, tal como não haverá limites nem fronteiras para o pensamento. Um pensamento é uma fotografia é um pensamento. Os limites do que nós pensamos hoje o que é uma fotografia, alargar-se-ão, à medida que surgem novas tecnologias. Aquilo a que chamo hoje fotografia expandida, que pode ser um conjunto de fotografias que se sobrepõem (tal como o meu trabalho sobre uma janela) ou um filme que é, na realidade, uma fotografia em movimento, irá igualmente expandir-se e novas formas de expressão gráfica surgirão.

DBelo: No seu trabalho estamos quase permanentemente num diálogo entre uma esfera pública e um universo pessoal, privado, entre memórias, nomeadamente familiares, e o tempo presente, o registo do quotidiano. Como se constrói um discurso artístico em que o espaço e o tempo têm uma presença tão forte?

DBlaufuks: Não sei realmente como, porque não há receitas. O que sei é que sempre tentei trabalhar honestamente sobre os temas que me eram próximos, e, que de alguma forma, foram encarados através do trabalho. Poderíamos, talvez, até falar de auto-ajuda, que, eventualmente, também ajuda outros. No *Não Pai*, por exemplo, foi precisamente isso que aconteceu, eu precisava mesmo de escrever aquele texto, a editora decidiu que fazia sentido publicar, houve leitores que me escreveram como o livro lhes era próximo, porque tinham questões idênticas por resolver, e, para mim, o livro foi providencial para me debater com uma questão essencial na minha vida. O mesmo acontece noutros trabalhos, mais ou menos evidentes, é preciso não esquecer que a fotografia trabalha através de símbolos poderosos, este é o meu copo de água, mas ao o reproduzir através da imagem, ele torna-se todos os copos de água que existem no mundo. A fotografia trabalha com a nossa memória, identificando-a com as memórias dos outros, porque afinal não somos tão distantes como seres humanos, uma guerra é uma guerra, mas um refugiado de uma guerra é próximo de outro refugiado de outra guerra, pelas suas experiências, mesmo que em diversas geografias e por razões até opostas.



Fig. 3 Daniel Blaufuks, *AUJOURD'HUI*, Musée Eugène Delacroix, Paris (2018)

DBelo: Daniel, tem desenvolvido uma quantidade muito relevante de trabalho nos domínios da fotografia, do vídeo, da instalação e mesmo da palavra. Porquê esta diversidade de meios e como eles o poderão, eventualmente, levar a uma capacidade maior de abordar o indizível, a transpor um limite de comunicação? Não haverá também o risco de se afundar num território indefinido?

DBlaufuks: O que seria a criação artística sem riscos, contraponho eu. Na realidade, penso que corro riscos a menos e, muitas vezes, obrigo-me a tentar sair do que se agora chama zona de conforto, que mais não é do que aquilo que já sabemos que funciona. Mas, na realidade, qualquer trabalho começa com uma série de dúvidas e de questões, umas para fora, imensas para dentro. A incerteza é chave de qualquer acto criativo, tal como na ciência. Mas é verdade que, à medida que avançamos, dominamos melhor a nossa prática, eu não preciso hoje de olhar pela câmara para saber o que poderá ser uma fotografia. Há

artistas que se vão reinventando ao longo da sua vida, há outros que fazem sempre o mesmo tentando aperfeiçoar esse mesmo até à exaustão, até porque a perfeição, o alcançar do cume, da certeza, é a morte do artista ou, pelo menos, da criação. Eu penso que me sítio o pouco entre os dois e penso que até experimento de menos, mas sinto também que essa aparente diversidade, que vocês referem, está, no entanto, centrada num eixo bastante definido do meu trabalho. Uma fotografia é um filme e é uma palavra ou um texto e vice-versa, vejo tudo como formas diferentes de, no fundo, criar a mesma coisa, um discurso, uma mesma obra. Por vezes fico mais preocupado, não com essa diversidade de meios, mas com a minha tendência em abordar temas díspares, entre o Holocausto e a beleza do dia-a-dia das nossas existências. Mas como não? Eu não acordo a pensar no Holocausto, embora pense-o por vezes ao longo dia, mas vejo também beleza no meu dia. Tudo isto faz parte de mim, e a diversidade de meios é só uma, talvez vã, tentativa de o exprimir. Se fosse pintor, talvez só pintasse. Mas a fotografia não é uma arte fechada, é mais uma tecnologia aberta com inúmeras possibilidades e cruzamentos possíveis, que me apetece explorar e se for para me afundar, afundo-me. Mas penso, no entanto, que existe suficientemente clareza no meu trabalho para que isso não aconteça. Os meios são apenas as garrafas, o que interessa é o papel, a mensagem, que está lá dentro. E continuando neste imaginário, não se esqueçam de que navegar é preciso, viver não. preciso.

Lisboa, Outubro de 2021

DOI: 10.21814/2i.3750